

O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DAS ESTAGIÁRIAS

Viviane **Drumond** – UFT

Resumo

Este texto apresenta uma pesquisa de doutorado concluída, que investigou a formação de professores(as) de Educação Infantil no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins. Teve como objetivo: analisar uma experiência de estágio em creches e pré-escolas, com uma turma de estudantes-estagiárias do curso de Pedagogia. O estudo elegeu o estágio como campo de pesquisa e, evidenciou a centralidade deste na formação de professores(as), como espaço de produção de saberes sobre as crianças pequenas. No trabalho com os estágios nas creches e pré-escolas as crianças são vistas como atores sociais, como protagonistas do próprio processo de formação e produtoras de culturas. O estudo destaca a observação como principal ferramenta metodológica, pois permitiu conhecer mais sobre as crianças e as práticas educativas e, também, analisar as relações entre as crianças, entre elas e os(as) adultos(as) e entre os(as) adultos(as) no cotidiano das instituições. O caderno de campo foi usado como recurso para o registro das observações.

Palavras-chave: Estágio; Formação de Professores(as); Creche; Pré-escola; Crianças.

O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DAS ESTAGIÁRIAS

O presente texto apresenta uma pesquisa de doutorado concluída, que investigou a formação de professores(as) de Educação Infantil no Curso de Pedagogia, com o objetivo central de analisar o estágio de Educação Infantil, por ser um momento privilegiado da formação de professores(as) para atuar na primeira etapa da Educação Básica, em creches e pré-escolas.

O tema da formação de professores(as) tem se constituído em foco de atenção do ponto de vista das políticas e das pesquisas educacionais, entretanto, os estudos que a discutem não têm privilegiado o trabalho docente na Educação Infantil. Por outro lado, as pesquisas sobre o curso de Pedagogia, com ênfase na Educação Infantil (Gatti; Barreto, 2009; Kishimoto, 2005; Silva, 2003) indicam que os saberes sobre a educação da criança pequena ocupam, no curso de Pedagogia, um espaço restrito e limitado e,

além disso, os conhecimentos difundidos sobre a educação das crianças pequenas não contemplam os saberes e fazeres que caracterizam a docência com crianças dessa faixa etária.

Discutir a formação de professor(a) de crianças pequenas envolve uma complexidade de conhecimentos. A docência na Educação Infantil constitui-se em um campo em construção, com características peculiares, que extrapola o modelo de professor(a) da escola, pois tem, no binômio educação e cuidado, as marcas da sua especificidade. Na educação das crianças pequenas são as relações entre os sujeitos: adulto-adulto, adulto-criança e criança-criança que conferem sentido à existência das instituições educativas. Assim, o(a) professor(a) de creche ou de pré-escola não é um professor(a) de disciplina escolar que ensina conteúdos – é outra profissão, uma profissão que está sendo inventada (Mantovani; Perani, 1999), bem com as concepções contemporâneas do que são a criança, a infância e a Educação Infantil.

O trabalho com os estágios na Educação Infantil mostrou a importância da construção de uma pedagogia centrada na criança, o que nos instiga à busca por uma educação das crianças pequenas na “*forma-educação infantil*” (Freitas, 2007); e nos convida a uma revisão da formação de professores(as) de crianças de 0 a 6 anos. Na Educação Infantil, o que deve estar em evidência é o protagonismo das crianças. O fato de preceder a escola de Ensino Fundamental não deve retirar da Educação Infantil aquilo que a singulariza.

A docência na Educação Infantil requer, do(a) professor(a), saberes que contemplem as especificidades das crianças pequenas. Nesse sentido, Rocha (1999, p. 62) destaca que,

Enquanto a escola se coloca como espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de educação infantil se põem, sobretudo, com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno e como o objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas no espaço de convívio coletivo, que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento que entra na escola).

As pesquisas na área da Educação Infantil consideram a singularidade da docência com crianças pequenas e apontam a necessidade de uma pedagogia que forme professores(as) para atuar com crianças pequenas, que considere os saberes próprios dessa etapa educacional. Portanto, discutir a formação docente para a Educação Infantil

implica problematizar os cursos de formação inicial de professores(as) de crianças pequenas e analisar os saberes que têm sido produzidos nesses cursos, nas disciplinas curriculares e nos estágios.

O estágio representa um momento privilegiado na formação inicial de docentes, pois favorece o contato direto com o futuro campo de trabalho. É o espaço da experiência e da vivência, é quando o(a) estudante busca, a partir do contato com as instituições de Educação Infantil, entender aquele contexto. Além disso, o estágio favorece a pesquisa, pois promove a reflexão e a formação.

Os estudos sobre o estágio (Infantino, 2013; Freitas 1996) apontam para a fragmentação dos conhecimentos teóricos e práticos nos cursos de formação de professores(as), onde geralmente são ministradas teorias prescritivas, deixando para o final do curso, no estágio, o momento de colocar em prática os conhecimentos. Este estudo sobre o estágio busca enfrentar as questões dos saberes da prática na formação dos(as) estudantes, ao reconhecer o estágio como campo de produção de saber, na medida em que articula os conhecimentos teóricos e práticos.

No percurso de construção da pesquisa as aproximações com a bibliografia italiana e também com as produções brasileiras que estabelecem interlocuções com essa bibliografia, forneceram aportes teóricos para compreender e discutir a singularidade da docência na Educação Infantil, diferenciando-a da docência no Ensino Fundamental.

Desse modo, foi possível construir referências para discutir o trabalho docente na Educação Infantil, que apresenta algumas especificidades, tais como: trata-se de uma profissão de gênero feminino, conforme discutido nas pesquisas de Ávila (2002), Ongari e Molina (2003) e Rosemberg (2001); é uma pedagogia que envolve três atores: criança, família e docente, como apontam Bonomi (1998) e Spaggiari (1998); é uma pedagogia que tem características diversas do modelo convencional, em sala de aula; é um exercício que se estabelece com intencionalidades educativas e, fundamentalmente, nas relações entre as próprias crianças e entre as crianças e os adultos (Russo, 2007). A intencionalidade do(a) docente se manifesta, principalmente, na organização dos espaços e dos tempos na Educação Infantil, para que as crianças produzam suas culturas (Bufalo, 1997; Godoi, 2006); tem como eixo do trabalho educativo um atributo muito especial: o brincar, como evidenciou a pesquisa de Finco (2010).

A pesquisa foi realizada com o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins – UFT/*campus* de Miracema com o objetivo de analisar o trabalho pedagógico desenvolvido com a disciplina: “Estágio da Educação Infantil (Creche e

Pré-Escola)”. Com esse propósito, foi documentado o trabalho realizado com o estágio em creches e pré-escolas por um semestre, com uma turma de vinte e uma estudantes-estagiárias. Os estágios foram realizados em creches e pré-escolas públicas municipais de Miracema do Tocantins e de mais dois municípios vizinhos: Tocantínia e Miranorte.

Esta investigação sobre estágio destaca a observação como principal ferramenta metodológica (Infantino, 2013; Mantovani; Perani, 1999), pois permitiu conhecer mais sobre as crianças, descrever e analisar as práticas educativas observadas no cotidiano das creches e das pré-escolas envolvidas nos estágios. Considerando a importância da observação na formação inicial e, também, na prática do(a) professor(a) da Educação Infantil, a proposta de estágio discutida nesta pesquisa definiu como abordagem metodológica nos estágios a observação por um período de tempo prolongado e contínuo. Assim, para o registro das observações, foi utilizado o caderno de campo.

O estágio contou com as seguintes categorias de observação: relação adulto-adulto (de dentro e de fora da instituição): relações entre os(as) professores(as) e as famílias, comunidade; relação adulto-adulto (de dentro da instituição): relações entre profissionais docentes que atuam nas creches e pré-escolas, considerando a formação e as relações de poder; relação adulto-criança (políticas): relação entre os adultos e as crianças, nas políticas públicas, na legislação, nos documentos oficiais; relação adulto-criança (pedagogias): relação entre os(as) professores(as) e as crianças, a partir das pedagogias e das pesquisas; relação criança-criança: relações entre as crianças. Além destas cinco categorias principais, outras três, que perpassam as demais, foram consideradas na análise dos dados: o espaço físico, as brincadeiras infantis e as relações de gênero e étnico-raciais.

Além dos registros descritivos sobre a unidade de Educação Infantil onde o estágio foi realizado, constam nos cadernos de campo elaborados pelas estagiárias: uma legenda com as categorias de análise do estágio; a planta baixa da unidade de Educação Infantil; fotografias do espaço físico, impressas ou gravadas em um CD.

Temos uma herança pedagógica que não considera o protagonismo das crianças e uma pedagogia que orienta professores(as) a estabelecer uma relação mais de vigia do que de diálogo e observação com as crianças. Para escapar a essas premissas, tão fortemente estabelecidas nos processos de formação de professores(as), os estágios nas creches e nas pré-escolas tomam os três protagonistas da Educação Infantil: a criança, o(a) professor(a) e a família, tendo a criança como protagonista privilegiada (Bonomi,

1998), como referência de suas análises. Assim, o estágio considera as diversas relações presentes no cotidiano das instituições e não unicamente a relação entre o(a) professor(a) e as crianças e, portanto, analisa: a relação entre o(a) professor(a) e a família; entre os(as) professores(as); entre o(a) professor(a) e as crianças; entre as crianças.

A análise dos estágios permitiu discutir os saberes e os fazeres que caracterizam a docência com as crianças pequenas nas creches e nas pré-escolas, conhecimentos que foram aprofundados no desenvolvimento desta pesquisa. A especificidade da docência na Educação Infantil é abordada de modo a favorecer uma educação da criança pequena que não antagonize as culturas lúdicas e as culturas da escrita. As crianças são compreendidas a partir do olhar das ciências sociais, com as abordagens das políticas, da sociologia e da antropologia. Analisa as creches e as pré-escolas como espaços coletivos de educação e cuidado de crianças pequenas, onde as crianças estão permanentemente em relação entre elas e com os adultos.

A discussão do cotidiano das creches e das pré-escolas, a partir das categorias de análise dos estágios, permitiu olhar para as crianças pequenas em um contexto de relações, uma criança em relacionamento. Além disso, permitiu: conhecer a organização do tempo e do espaço das creches e das pré-escolas e o que revelam sobre a intencionalidade educativa e pedagógica da instituição e dos(as) professores(as); identificar as relações de poder entre os(as) professores(as) da Educação Infantil e discutir a formação docente; problematizar as políticas públicas construídas para a Educação Infantil; observar as brincadeiras de meninos e meninas e a produção das culturas infantis; analisar como adultos e crianças convivem com as diferenças e diversidades de gênero e étnico-raciais na Educação Infantil.

Desse modo, as discussões promovidas nos estágios revelam a compreensão das estagiárias sobre as políticas de Educação Infantil dos municípios envolvidos nos estágios, bem como as propostas pedagógicas que vêm sendo construídas no cotidiano das creches e das pré-escolas. Alguns questionamentos foram levantados, a partir dos conhecimentos sobre a Educação Infantil abordados nos estágios: a relação entre os três atores da Educação Infantil – professores(as), crianças e pais/mães – está ocorrendo nos espaços das creches e das pré-escolas? As profissionais docentes da Educação Infantil mantêm relações de colaboração ou de hierarquias entre elas? As práticas pedagógicas têm como eixo norteador as brincadeiras e as ludicidades ou buscam antecipar a escolarização? Como os(as) professores(as) cuidam das crianças e as educam no dia a

dia? A organização dos tempos e dos espaços nas instituições permite que as crianças produzam as culturas infantis? Como os(as) adultos(as) e as crianças convivem com as diferenças e diversidades nas unidades de Educação Infantil?

Discutir os estágios a partir das categorias propostas nesta pesquisa teve o objetivo de trazer contribuições para a formação de professores(as) que atuam ou irão atuar nas creches e nas pré-escolas e também para a construção da pedagogia da Educação Infantil. A pesquisa forneceu indícios para problematizar a docência na Educação Infantil e a formação de docentes para atuar nas creches e nas pré-escolas; e possibilitou fazer algumas inferências, do ponto de vista teórico-metodológico, sobre o estágio de Educação Infantil.

O Estágio em Creches e Pré-escolas: observar, registrar e ler.

O trabalho com os estágios na Educação Infantil mostrou a necessidade de construir referências para fundamentar a docência com as crianças pequenas. A bibliografia analisada neste estudo destaca a importância de uma pedagogia centrada na criança, e as experiências com os estágios confirmam tal relevância. Na Educação Infantil, o que deve estar em evidência é o protagonismo das crianças, e, desse modo, conteúdos formativos específicos devem ser contemplados nos cursos de formação inicial de professores(as) de creche e pré-escola.

As autoras italianas Susanna Mantovani e Rita Perani (1999) abordam a experiência – realizada na Itália – de formação de professores(as) de Educação Infantil para atuar nas creches implantadas após a reforma legislativa nos anos de 1970. Para as autoras, a creche de “novo tipo” exigiu desde o início a formação de “novos educadores”, ou seja, o problema da formação de professores(as) foi enfrentado juntamente com a implantação das creches.

Assim, juntamente com a proposta das creches com caráter educativo e não mais assistencialista, foram pensados o papel e a formação de professores(as). A profissão de professores(as) de creche estava sendo inventada e, considerando sua complexidade, foram precisos novos instrumentos para produzir as necessárias modificações de atitude e de comportamento dos(as) professores(as) (Mantovani; Perani, 1999).

O educador Loris Malaguzzi também enfrentou a questão da formação dos(as)

professores(as) na construção de sua proposta de educação para a primeira infância. A visão otimista da criança, autônoma, capaz, com infinitas possibilidades, que constrói pensamentos, “exigiu uma professora também dotada”. Malaguzzi (apud Faria, 2007) dizia que, para uma criança diferente, é preciso uma escola diferente e também uma professora diferente. Mas essa professora não existia, precisou ser inventada a cada dia, trabalhando junto com as crianças e com os outros adultos, experimentando, errando, corrigindo, revendo e refletindo sobre o trabalho realizado. Nesse processo, estar junto com as crianças e manter o distanciamento necessário para observá-las tornou-se uma das ferramentas mais importantes para a prática pedagógica.

Portanto, discutir uma “nova” formação significa que os conteúdos dessa formação devem ser revistos, de modo a garantir aos(às) futuros(as) profissionais a aquisição de referências para atuar na docência com crianças pequenas; e isso impõe a definição de novos currículos de formação, que contemplem, além dos conhecimentos teóricos e da pesquisa empírica, as informações em contexto real, a observação nas creches e nas pré-escolas.

Nesse sentido, para Mantovani e Perani (1999), a formação prática por meio de estágio, por um período de tempo prolongado, revelou-se uma experiência extremamente significativa na formação de professores(as) de crianças pequenas. Assim, o estágio foi entendido e cada vez mais reconhecido como momento central da formação de professores(as) de crianças pequenas.

De acordo com estas autoras, no processo de construção de uma proposta que contribuísse para preparar os(as) professores(as) para atuar nas creches, a observação como metodologia se tornou o centro do debate sobre a pesquisa e sobre a intervenção na primeira infância. Observar foi natural e intuitivo para quem teve que atuar na creche, sem experiência e sem material à disposição. “Observar em situação natural, considerando o contexto ambiental e de relação, é hoje a principal proposta metodológica da pesquisa sobre os pequenos” (Mantovani; Perani, 1999, p. 94). E acrescentam:

Nós acreditamos que, para o educador, aprender a observar a criança, identificar suas modalidades comunicativas mais elementares, instaurar um relacionamento comunicativo específico com ela seja as bases da preparação pedagógica. Uma vez que o adulto entende isto e continua aprendê-lo pela observação, quase sempre ele descobrirá qual é o jogo ou o material mais adequado para uma determinada criança ou para um determinado grupo em um determinado momento, o que dar à criança, o que dizer a ela, como organizar ou intervir. Quando o adulto aprende a ver a criança, sabendo que

ela é um ser ativo, conseguirá mais facilmente notar como ela se relaciona com o espaço, com os objetos, com os outros, vai se dar conta de como acontece a interação com o grupo (Mantovani; Perani, 1999, p. 93).

Mas, mesmo nos dias atuais, em que as pesquisas avançaram e oferecem informações e referências sobre as crianças em espaços coletivos, a observação continua a ser uma exigência para aqueles(as) que trabalham com as crianças pequenas, pois se mostra um instrumento útil para conhecer mais sobre elas. A observação é a base para fundamentar as direções do trabalho educativo com as crianças e, de qualquer forma, é uma competência necessária para quem trabalha com as crianças pequenas. O(A) professor(a) deve saber captar todos os sinais comunicativos que a criança manifesta. A observação determina o tipo de intervenção a ser realizada e, nesse sentido, representa uma atitude de respeito para com a criança (Mantovani; Perani, 1999).

As estagiárias investigadas na pesquisa reconhecem a importância dos estágios e valorizam as contribuições dessas experiências para a formação. Destacam que as experiências com a prática possibilitaram aproximações com os saberes e fazeres que envolve a docência e com as questões do trabalho do(a) seu profissional docente da Educação Infantil. Além disso, elas dizem que o estágio permitiu observar as crianças com “outros olhos”, ou seja, perceberam as crianças, suas brincadeiras, o que dizem umas às outras; e notaram o modo como as professoras podem trabalhar com elas. Então, o ato de observar por um determinado tempo, sem qualquer interferência, permitiu às estagiárias olhar e perceber as crianças.

A bibliografia discutida nos estágios, principalmente as pesquisas na área da sociologia da infância (Faria; Finco, 2011; Fernandes, 2004; Prado, 1999), e os estudos que discutem a relação entre a infância e a arte (Albano, 2007, 2008; Gobbi, 2007; Faria; Richter, 2009), contribuíram para a construção de “óculos”, que permitiram perceber as crianças e as culturas infantis. Mas esse processo não é fácil: conseguir observar as crianças é um aprendizado que demanda tempo, pois, com uma formação voltada para o ensino escolar, os(as) estudantes do curso de Pedagogia estão habituados(as), nos estágios, a olhar para o(a) professor(a), que é quem conduz a aula, o ensino. Assim, observar as crianças e conseguir vê-las e ouvi-las pode ser difícil num primeiro momento, como relataram os(as) estagiários(as) do curso de Pedagogia.

A esse respeito, Mantovani e Perani (1999) consideram que, desde os primeiros cursos, as discussões sobre a criança e os estágios se mostraram essenciais para a formação de docentes. O estágio é o momento em que o(a) estagiário(a) observa a

criança, é sua primeira ocasião de contato com os(as) adultos(as) que trabalham na instituição e também com as famílias e a comunidade em geral. Especialmente sobre o tema das crianças e da relação entre os(as) professores(as) e as crianças, as estagiárias desta pesquisa escreveram:

Percebi que as crianças são ativas, só que elas não são respeitadas dentro do espaço delas. Tudo é decidido pela professora (Estagiária 6).

O que observei é que tem hora que as crianças querem brincar e elas não podem brincar, pois, se pegar um brinquedo, são forçadas a deixar (Estagiária 17).

A minha visão sobre a Educação Infantil mudou a partir desse contato com as crianças. Antes pensava que as crianças tinham que sair alfabetizadas, com os estudos aprendi que é uma fase de descobertas, brincadeiras e um aprendizado diferenciado (Estagiária 12).

Então, a partir das falas das estagiárias, é possível inferir que é pelas experiências e vivências nos espaços da Educação Infantil, e, paralelamente a esses momentos, pelo contato com leituras e discussões na universidade e com o(a) professor(a) orientador(a) do estágio, que os(as) estudantes elaboram seus conhecimentos. Além disso, é no contato com o contexto da Educação Infantil, com as crianças e os(as) professores(as), no dia a dia das creches e das pré-escolas, que os(as) estudantes têm sua atenção despertada para questões que passariam despercebidas, caso fossem abordadas apenas do ponto de vista da teoria, com a leitura de textos, por exemplo. A respeito dos conhecimentos construídos nos estágios, uma estagiária fez o seguinte comentário: *“Pra mim contribuiu enormemente, por que tirei muitas provas, consegui ver muitas relações entre o que vi na prática com as leituras”* (Estagiária 6).

Também, Infantino (2013), ao discutir os estágios como momento de interação entre o saber acadêmico e o saber produzido na prática, nas instituições de Educação Infantil, aborda a observação como metodologia de trabalho. Segundo a autora, a observação durante o estágio não finda na elaboração de protocolos de observação para um simples exercício técnico, mas é proposta como método:

A observação como método implica uma atitude educativa fundamental, baseada na capacidade de pensar e refletir, enquanto os estagiários se envolvem como atores na ação em curso; sustenta uma atitude de lúcida presença profissional descentralizada, para propiciar comportamentos e intervenções educativas que, fundamentados na escuta e na compreensão profunda daquilo que está acontecendo no contexto e com as outras pessoas, possam ser realmente um benefício para as crianças (Infantino, 2013, p. 22).

Afirmam Mantovani e Perani (1999) que observar é uma habilidade fundamental

na formação dos(as) professores(as), porque, observando, aprende-se cada vez mais sobre as crianças e cria-se motivação para realizar pesquisas bibliográficas e leituras para interpretar em nível teórico as ações e as práticas educativas. A observação ajuda a identificar os temas de maior dificuldade no trabalho dos(as) docentes da Educação Infantil, que serão a base para fundamentar hipóteses de trabalho e de pesquisa. Pela observação, o(a) professor(a) pode refletir sobre sua prática com as crianças, pois “[...] observar leva a conhecer o próprio comportamento e, portanto, a ter um progressivo autocontrole e também uma atitude sem inferências excessivas em relação a criança” (Mantovani; Perani, 1999, p. 94).

Inicialmente, as estagiárias pesquisadas questionaram a metodologia de trabalho e não entenderam o propósito da observação. Porém, ao final do estágio, na avaliação desse processo, elas conseguiram perceber a importância dessa ferramenta metodológica e confirmaram a importância da observação, ao destacar o quanto essa prática contribuiu para que conhecessem mais sobre as crianças e sobre o dia a dia delas nas creches e nas pré-escolas. A observação é tomada como procedimento de uma teoria em ação, como revelam estes relatos:

Bem, foi bastante produtiva. De início não estava assimilando bem e também não estava aceitando a proposta de estágio. Mas, no decorrer dos dias, percebi que essa metodologia foi muito útil e contribuiu bastante para a ampliação de nossos conhecimentos (Estagiária 15).

No início achei que seria muito estranho passar o tempo todo só observando, mas, no decorrer da disciplina, percebi que o propósito seria assimilar as leituras dos textos com as experiências vividas (Estagiária 18).

A fim de garantir o registro das observações relativas aos estágios de Educação Infantil, um dos recursos utilizados foi o caderno de campo: ali se registrou o conteúdo das observações realizadas nas creches e nas pré-escolas em que estagiaram os estudantes. O uso do caderno de campo representa “um recurso metodológico inovador” (GEPEDISC, 2011) nos estágios. Para Fiad e Silva (2009), os diários são uma forma de incorporar outras práticas de linguagem ao contexto acadêmico, como a de associar experiências vividas à reflexão teórica. “Antes de tudo, fazer um diário de campo é instalar-se em uma prática concreta, para pensar a si mesmo e se experimentar como sujeito da escrita” (Silva, 2011, p. 9). Dessa forma,

[...] o estágio curricular e obrigatório não é um tempo para a aprendizagem ou para a preparação do que pode vir a ser. Não é um ensaio para se chegar “depois” a um lugar qualquer. Antes, um tempo em que o estudante e o cotidiano daquele lugar se entrelaçam, se alteram, se misturam. Numa

“observação”, que é, ao mesmo tempo, inserção, ação, relação, presença (Silva, 2011, p. 8, grifos da autora).

Os registros nos cadernos de campo, como fonte primária de pesquisa, oferecem material para a discussão, a problematização e a reflexão sobre o cotidiano de crianças e professores(as) nas creches e nas pré-escolas – enfim, para a pesquisa. A respeito da observação e do uso dos cadernos de campo, para registro dos estágios, as estagiárias expressam os seguintes comentários:

Sim, a partir das observações e escrita foi possível desconstruir e reconstruir várias concepções acerca das crianças e do tipo de trabalho que melhor podemos oferecer a elas (Estagiária 5).

Foi possível perceber essa relação entre criança-criança, adulto-adulto, foi algo interessante que só na observação e no registro é que percebemos detalhadamente o que acontece no cotidiano de cada creche (Estagiária 13).

Com essa concepção, os cadernos de campo foram usados como recurso para registrar os estágios, e as estagiárias foram orientadas a produzir registros descritivos do que foi observado nas creches e nas pré-escolas. Mas essa escrita não se mostrou fácil para elas, em um primeiro momento, pois, acostumadas ao estilo das produções geralmente exigidas na academia, os primeiros escritos reproduziram uma mistura de gêneros discursivos: relatórios, comentários, narrativas. A leitura coletiva de alguns trechos dos cadernos foi necessária, para que o grupo entendesse qual era o propósito dos cadernos, pois, nesse estilo de escrita, a referência maior não é um autor em especial ou uma teoria, mas as impressões e as experiências do(a) próprio(a) estudante (Fiad; Silva, 2009).

Oliveira (2000), ao falar sobre *o olhar, o ouvir e o escrever* na pesquisa antropológica e, de um modo geral, nas ciências sociais, diz que a escrita do diário ou caderneta de campo diferencia-se claramente do texto etnográfico, como produto final de um estudo. A textualização é diferente do trabalho de campo, porque envolve a interpretação: o texto é a interpretação dos dados obtidos no campo. Mas o autor não deixa de destacar que, mesmo na fase da coleta de dados, o olhar e o ouvir são disciplinados, ou seja, a nossa percepção é realizada a partir das referências da nossa disciplina, seja a antropologia, a sociologia ou outra. Portanto, podemos dizer que não há neutralidade na observação, na coleta de dados, pois esse processo é realizado por um pesquisador que tem uma formação, um olhar sobre o mundo e os fatos, construído por uma determinada área de conhecimento.

Desse modo, no processo de construção de dados da pesquisa, é realizada uma primeira verificação, seleção, percepção dos dados, mas não de forma metódica e sistemática como na elaboração do texto final da pesquisa. Portanto, “sistema conceitual, de um lado, e, de outro, os dados - nunca puros, pois já em uma primeira instância, construídos pelo observador desde o momento de sua descrição, guardam entre si uma relação dialética. São interinfluenciáveis” (Oliveira, 2000, p. 27).

A partir das observações de Oliveira (2000), podemos questionar a suposta divisão entre teoria e prática, entre saber acadêmico e saber prático, uma vez que ambos são construções humanas e, portanto, guardam proximidades. Assim, podemos analisar a relação entre os saberes teóricos e práticos não em oposição, mas em interinfluência, em interpelação.

Nesta perspectiva o estágio é compreendido como um campo educativo e formativo, integrante e obrigatório nos cursos de formação de professores(as), com a finalidade de produzir conhecimentos e reflexões, privilegiando os momentos e as dinâmicas ligadas principalmente ao contexto das instituições educativas.

Assim, coloca-se em discussão a ideia de um percurso de estágio fundado sobre dois momentos distintos: um sobre o campo, na experiência direta em uma creche ou pré-escola, e o outro em um espaço dedicado à reflexão e ao discurso pedagógico (Infantino, 2013). Nessa perspectiva, é pesquisada a estreita conexão entre o saber acadêmico e o saber das instituições de Educação Infantil, sem estabelecer uma ordem hierárquica ou uma regra do momento teórico, em detrimento daquele prático.

Dessa forma, o estágio mantém como sua principal finalidade a formação dos(as) estudantes e, ao mesmo tempo, torna-se ocasião para promover o saber pedagógico sobre a criança nas instituições de Educação Infantil, pois estimula a reflexão por parte dos(as) estudantes e professores(as) envolvidos.

Considerações Finais

A pesquisa foi construída a partir dos olhares e das vozes das estudantes-estagiárias, sem as quais não teria sido possível desenvolver as reflexões aqui apresentadas. Para falar da formação de professores(as) de Educação Infantil, considero fundamental ter como foco os sujeitos envolvidos no processo de formação — neste caso, as estudantes do curso de Pedagogia, estagiárias de Educação Infantil. Assim, as

discussões sobre o estágio trazem as produções escritas e as falas das estagiárias sobre o cotidiano das creches e das pré-escolas e também sobre o próprio processo de formação vivenciado por elas,

O estágio de Educação Infantil, conforme proposto, elegeu a observação como principal abordagem metodológica, e o caderno de campo foi utilizado como ferramenta para o registro das observações do cotidiano das creches e das pré-escolas. Isso favoreceu a produção de narrativas, com um estilo de escrita que permitiu às estudantes-estagiárias maior liberdade de expressão. Os cadernos de campo retratam as percepções das estagiárias, um determinado modo de ver uma realidade, uma descrição muito particular de um contexto de educação das crianças pequenas e das práticas produzidas nesses espaços; conhecimentos que só a estagiária que está em formação, no estágio — e um estágio que articula teoria e prática — consegue perceber.

A observação e a análise dos cadernos de campo das estagiárias possibilitaram discutir e problematizar o cotidiano das crianças e das professoras, nos espaços das creches e das pré-escolas, campo de estágio; ou seja, permitiram compartilhar os conhecimentos que dizem respeito à docência com as crianças pequenas. A reflexão, realizada conjuntamente com as estagiárias, sobre a metodologia utilizada nos estágios de Educação Infantil ampliou a discussão, o que permitiu falar do estágio do ponto de vista teórico-metodológico e fazer algumas inferências sobre a relação entre a Educação Infantil e a Pedagogia.

A pedagogia é uma ciência social aplicada; portanto, uma ciência da prática, que busca suas bases epistemológicas em outras ciências. Assim, a pedagogia da Educação Infantil busca articular o educar e o cuidar, a experiência e o saber, a teoria e a prática, as ciências e a arte e problematiza as teorias que trabalham antagonizando esses binômios. A partir de um referencial dialético, olha para as contradições e questiona saberes considerados antagonísticos na educação da pequena infância.

A Educação Infantil busca estabelecer interlocuções entre a arte e as ciências da educação, na construção de pedagogias para a pequena infância. As crianças são curiosas, inventivas, criativas, pesquisadoras; observam; testam suas hipóteses; misturam produções artísticas e científicas; mostram à pedagogia que a arte e as ciências não são modos antagonísticos de pensar. Mas, como a sociedade industrial prioriza a ciência e a técnica, a arte foi excluída do campo pedagógico. As artes podem ensinar a pedagogia a valorizar o que as crianças sabem e suas formas de pensamento; a lidar com o inesperado e o imprevisto que as crianças insistem em mostrar (Gobbi;

Richter, 2011).

Temos ainda, de forma hegemônica, uma pedagogia que busca vigiar e controlar as crianças, que valoriza muito pouco as capacidades infantis, que não ouve as crianças e suas questões; por isso, é tão fundamental construirmos uma “pedagogia da escuta”, uma “pedagogia das relações”, uma “pedagogia descolonizadora” e uma “pedagogia da infância”.

Uma proposta de educação emancipatória para a primeira infância exige a ação de profissionais docentes compromissados com uma pedagogia não escolar, centrada na criança e na experiência infantil, que proporcione a construção de todas as dimensões humanas: o imaginário, o lúdico, o artístico. As crianças não separam saber e experiências; assim, espera-se que elas possam brincar, descobrir, inventar, criar — enfim, produzir as culturas infantis.

Nesse sentido, a pesquisa sinaliza para a importância dos cursos de Pedagogia reverem seus projetos pedagógicos curriculares, de modo a construir percursos formativos diferenciados, que forme professores(as) de crianças de 0 a 10 anos, considerando as especificidades da creche, da pré-escola e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Referências Bibliográficas

ALBANO, Ana Angélica. Prefácio: Com olhos de criança. In: HOLM, Anna Marie. *Baby-Art: os primeiros passos com a arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, MAM, 2007. p. 7-8.

ALBANO, Ana Angélica. Transformar a realidade. *Infância na Europa, Portugal*, v. 14, p. 23-24, 2008.

ÁVILA, Maria José Figueiredo. *As professoras de crianças pequenininhas e o cuidar e educar: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP*. 295 f. Dissertação (Mestrado)—Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BONOMI, Adriano. O relacionamento entre educadores e pais. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. *Manual de educação infantil de 0 a 3 anos*. 9. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 161-172.

BUFALO, Joseane Maria P. *Creche: lugar de criança, lugar de infância: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP, 1997.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISCHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZA, Mônica Appezzato. *Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 277-292.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. Apresentação. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. (Org.). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 1-15.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Apontamentos pedagógicos sobre o papel da arte na educação da pequena infância: como a pedagogia da educação infantil encontra-se com a arte? In: SMALL SIZE PAPER (Org.) *Experiencing art in early years - learning and development processes and artistic language*. Bologna: Edizioni Pendragon, 2009. p. 103-25.

FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos sociais infantis. *Pro-Posições*, Campinas, v. 15, n. 1 (43), p. 229-250, jan./abr. 2004.

FIAD, Raquel Salek; SILVA, Lilian Lopes Martin. Escrita na formação docente: relatos de estágio. *Acta Scientiarum*. Languagemand Culture, Maringá, v. 31, n. 2, p. 123-131, 2009.

FINCO, Daniela. *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, USP, 2010.

FINCO, Daniela et al. Estratégias de registros e de aprendizagens do Programa de Residência Pedagógica em Educação Infantil (PRP/EI) da UNIFESP Guarulhos (Brasil). In: JORNADAS REGIONALES DE PRÁCTICA Y RESIDENCIA DOCENTE 'FORMAÇÃO INICIAL Y COMIENZOS EM LA DOCENCIA EN DIVERSOS CONTEXTOS EDUCATIVOS, 3, 2012, Bahia Blanca. *Anais*, 2012.

FREITAS, Helena Costa L. *O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

FREITAS, Marcos Cezar. Prefácio: O coletivo infantil: o sentido da forma. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). *O coletivo infantil em creches e pré-escolas-falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 7-13.

GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba Siqueira de Sá (Coord.) *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.

GEPEDISC – CULTURAS INFANTIS. *Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GOBBI, Marcia. Ver com olhos livres: arte e educação na primeira infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (Org.) *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e*

saberes. São Paulo: Cortez, 2007. p. 29-54.

GOBBI, Marcia; RICHTER, Sandra. Apresentação – Interlocução possível: arte e ciência na educação da primeira infância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 15-20, maio/ago. 2011.

GODOI, Elisandra Girardelli. *Avaliação na creche: o caso dos espaços não escolares*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP, 2006.

INFANTINO, Agnese. Estágio e formação na prática pedagógica em creches públicas italianas. *Olhares*, Guarulhos, SP. v. 1, n. 1, p. 7-39, maio, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko M. Pedagogia e a formação de professores(as) de educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 16, n. 3 (48), p. 181-193, set./dez. 2005.

MANTOVANI, Susanna; PERANI, Rita. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 10, n. 1 (28), p. 75-98, mar. 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, 2000. p. 17-35.

ONGARI, Barbara; MOLINA, Paola. *A educadora de creche: construindo suas identidades*. São Paulo: Cortez, 2003.

PRADO, Patrícia D. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. *Pro-Posições*, Campinas, v. 10, n. 1 (28), p. 110-118, mar. 1999.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. As pesquisas sobre a educação infantil no Brasil: a trajetória na ANPED (1990-1996). *Pro-Posições*, Campinas, v. 10, n. 1 (28), p. 54-74, mar. 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 47-68, jan./jun. 2001.

RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância. In: FARIA, Ana Lúcia G. (Org.) *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 67-93.

SILVA, Lilian Lopes M. da. Prefácio: Entre estágios, diários de campo, leituras. In: GEPEDISC – CULTURAS INFANTIS. *Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 7-11.

SILVA, Anamaria Santana da. *A professora de educação infantil e sua formação universitária*. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SPAGGIARI, Sergio. Considerações críticas e experiências de gestão social. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. *Manual de educação infantil de 0 a 3*

anos. 9. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 161-172.